

Da castanhola à canção: mediações artísticas e processos colaborativos de criação no projeto *Folhas Sonoras*

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO EM SIMPÓSIO

SIMPÓSIO: ST-9. Práticas musicais na Amazônia: perspectivas e experiências de pesquisa

Sonyra da Silva Bandeira
Universidade Federal do Pará
bandeirasonyra@gmail.com

Lucian José de Souza Costa e Costa
Universidade Federal do Pará
lucian.costa@uepa.br

Resumo. O presente artigo apresenta um recorte de pesquisa de mestrado concluída que analisa o projeto Folhas Sonoras, iniciado em 2023, articulando educação, música, poesia e natureza em processos de criação colaborativa com estudantes da educação básica. O objetivo foi compreender como produções poéticas escolares, registradas em folhas de castanhola, são transformadas em canções por meio de mediações artísticas, investigando os efeitos desse percurso na autoria, na experiência estética e na participação cultural. A pesquisa, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, fundamentou-se em referenciais sobre educação como experiência, letramento estético, memória, espaço, imaginação e autoria, além de contribuições de Paulo Freire e Michel Thiollent acerca de processos colaborativos de produção do conhecimento. Os dados foram produzidos por meio de oficinas pedagógicas, registros poéticos dos estudantes, curadoria dos textos e etapas de composição musical realizadas com artistas convidados. Os resultados indicam ampliação da escuta sensível, fortalecimento do pertencimento e valorização da autoria infantil em perspectiva relacional e coletiva. Ao serem transformadas em canções, as produções poéticas retornaram à comunidade escolar ressignificadas, promovendo reconhecimento e experiências formativas significativas. Observou-se, ainda, a escola como espaço de criação artística e circulação cultural. Conclui-se que o Folhas Sonoras constituiu uma experiência de mediação artística que integrou música, poesia e natureza, produzindo encontros entre sujeitos, linguagens e territórios e evidenciando a experiência estética como dimensão constitutiva da educação.

Palavras-chave. Folhas sonoras, mediação artística, processo criativo, folha de castanhola

From Castanhola to Song: Artistic Mediations and Collaborative Creative Processes in the Folhas Sonoras Project

Abstract. This article presents an excerpt from a completed master's research project that analyzes the Folhas Sonoras (Sounding Leaves) project, initiated in 2023, which integrated education, music, poetry, and nature through collaborative creative processes involving basic education students. The study aimed to understand how students' poetic productions, recorded on castanhola leaves, were transformed into songs through artistic mediation, investigating the effects of this process on authorship, aesthetic experience, and cultural participation. The research adopted a qualitative and descriptive-interpretative approach, drawing on theoretical frameworks related to education as experience, aesthetic literacy, memory, space, imagination, and authorship, as well as contributions from Paulo Freire and Michel Thiollent regarding collaborative knowledge production. Data were generated



through pedagogical workshops, students' poetic records, text curation processes, and musical composition stages developed in collaboration with invited artists. The findings indicate an expansion of sensitive listening, a strengthening of belonging, and the appreciation of children's authorship from a relational and collective perspective. As the poems were transformed into songs, they returned to the school community with new meanings, fostering recognition and significant formative experiences. The study also highlights the school as a space for artistic creation and cultural circulation. It is concluded that Folhas Sonoras constituted an artistic mediation experience that integrated music, poetry, and nature, creating encounters among subjects, languages, and territories, while demonstrating aesthetic experience as a constitutive dimension of education.

Keywords. Sound leaves; artistic mediation; creative process; castanholas of leaves.

Introdução

As Folhas Sonoras, nasceram em meados do ano de 2023, o local escolhido de maneira inconsciente consistiu em uma escola particular localizada no bairro do Guamá, em Belém do Pará. Sua origem está vinculada ao desejo de construir, com crianças e jovens, um novo olhar sobre a natureza por meio da arte.

Esse gesto inaugural não se configura apenas como uma prática pedagógica, mas revelam-se em experiência estética e formativa situada, na qual a educação é compreendida como acontecimento vivo e não como técnica instrumental, conforme problematiza Rufino (2022), ao afirmar a educação como condição do vivo atravessada por múltiplas formas de inscrição no mundo.

As primeiras experiências partiram da escuta de canções do projeto *Crianças*, idealizado por Márcio de Camillo a partir da obra poética de Manoel de Barros. Nesse repertório, árvores, rios, pássaros e outros elementos do mundo natural ganham voz e protagonismo, produzindo formas singulares de encantamento e sensibilização.

A centralidade dessa escuta estética evidencia uma compreensão ampliada da linguagem artística como campo de mediação entre sensível e cognitivo, em que a música atua como forma sonora e como um dispositivo de construção de mundos. Aqui, o ensino de música em diálogo com a literatura inscreve-se em uma perspectiva de letramento estético e cultural, conforme Penna (2008) e Loureiro (2022), ao compreenderem a arte como prática social situada, atravessada por repertórios, experiências e formas de vida.

A partir da escuta dessas canções, foram desenvolvidas atividades de canto coletivo, rodas de conversa, desenho e leitura de poemas, buscando estimular reflexões sobre o meio ambiente e as relações afetivas construídas com o território. Essas práticas operam como dispositivos de formação sensível e crítica do olhar, articulando linguagem, percepção e

pertencimento, e instauram o espaço escolar como campo de produção de experiência estética compartilhada. Nesse contexto, uma árvore de castanhola (*Terminalia catappa* Linn), localizada em frente à escola, tornou-se elemento central das ações pedagógicas. Suas folhas secas, marcadas por diferentes tonalidades e texturas, passaram a ser utilizadas como suporte para produções artísticas e poéticas dos estudantes.

A escolha da castanhola também foi tecida pelo véu de memórias pessoais da pesquisadora, uma vez que essa árvore integra sua paisagem afetiva desde a infância, permanecendo até hoje diante da casa de sua avó, no município de Ponta de Pedras, no arquipélago do Marajó. Aqui, a experiência pedagógica se entrelaça à memória como força constitutiva do sujeito, não como arquivo estático, mas representam a presença viva e mobilizadora de sentidos, conforme Nora (1993), para quem a memória se estrutura como campo de tensões entre lembrança, imaginação e atualização do passado no presente.

Assim, as folhas tornam-se material artístico e dispositivos de mediação entre memória, natureza, criação e pertencimento. Ao longo do desenvolvimento do projeto, os estudantes foram incentivados a produzir desenhos e pequenos textos poéticos relacionados a temas próximos de suas experiências cotidianas, como família, amizade, escola, bairro e meio ambiente. Inicialmente desenvolvido no Ensino Fundamental I, o projeto expandiu-se posteriormente para outras escolas, dessa vez, na rede pública, alcançando diferentes contextos educacionais nos bairros do Curió-Utinga e Marco, em Belém, Pará. Esse deslocamento entre territórios escolares evidencia que o espaço não é dado, mas produzido, sendo o lugar resultado de práticas sociais, afetivas e históricas que o constituem, conforme Milton Santos (2014), ao compreender o espaço como sistema indissociável entre objetos e ações.

Em 2024, com o ingresso da pesquisadora no Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES/UFPA, o projeto passou por um processo de aprofundamento teórico e metodológico, resultando na dissertação intitulada *Folhas Sonoras: poética musical e natureza na educação básica*. O presente artigo constitui um recorte dessa pesquisa e focaliza uma de suas dimensões mais significativas: o percurso percorrido pelas produções poéticas dos estudantes até sua transformação em canções. Partindo dessa perspectiva, pergunta-se: quais transformações ocorrem quando produções poéticas elaboradas por estudantes em folhas de árvores passam a integrar processos colaborativos de composição musical e retornam à comunidade escolar na forma de canções?

O objetivo geral deste estudo é analisar os processos de mediação artística presentes no projeto Folhas Sonoras, investigando como produções poéticas escolares são incorporadas a

processos colaborativos de composição musical e posteriormente devolvidas à comunidade na forma de obras artísticas. Como objetivos específicos, busca-se compreender as etapas de criação do projeto, discutir as relações de autoria compartilhada presentes nas canções produzidas e refletir sobre os impactos do retorno dessas obras aos estudantes participantes.

Essa configuração desloca a noção tradicional de autoria individual para uma perspectiva relacional e coletiva da criação, em consonância com Wagner (2012), ao compreender a cultura como sistema de significados produzidos na intersecção entre contextos simbólicos diversos. Metodologicamente, a pesquisa possui abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, fundamentando-se nos registros produzidos durante as oficinas, nos materiais criados pelos estudantes e nos processos de composição e produção musical desenvolvidos em colaboração com artistas convidados. Nesse sentido, o fazer metodológico não se limita à descrição dos dados, mas se constitui como interpretação situada de práticas culturais em ação, nas quais linguagem, corpo e território operam conjuntamente na produção de sentido.

Este ensaio analisa, portanto, o percurso criativo estabelecido pelo projeto *Folhas Sonoras*, evidenciando como produções poéticas realizadas em folhas de árvores se transformam em canções e produzem novas formas de participação cultural, criação colaborativa e circulação artística. Trata-se de um processo no qual a criação não é entendida como ponto de chegada, campo de emergência contínua, atravessado pela imaginação como potência estruturante da experiência humana (Rodari, 1982) e pela linguagem poética como reconfiguração do mundo sensível (Bachelard, 2001), instaurando novas formas de relação entre arte, natureza e educação.

Arte, criação e escola

O projeto *Folhas Sonoras* foi estruturado a partir de oficinas que articulavam escuta musical, leitura de poesia, percepção ambiental, desenho e escrita criativa. Essas atividades não eram desenvolvidas de forma isolada, mas integradas em um percurso que buscava ampliar a sensibilidade estética dos participantes e estimular processos de criação autoral.

A escuta musical constituiu uma das primeiras etapas do trabalho. Por meio das canções do projeto *Crianças*, os estudantes foram convidados a perceber as múltiplas possibilidades de diálogo entre palavra, som e imaginação. Paralelamente, eram realizados momentos de leitura compartilhada de poemas e pequenos saraus, nos quais a poesia passava a ser compreendida como linguagem viva e acessível.

As atividades de percepção ambiental buscavam aproximar os estudantes dos elementos presentes em seu cotidiano, valorizando experiências de observação, cuidado e pertencimento em relação ao ambiente em que viviam. Mais do que transmitir conteúdos sobre preservação ambiental, procurava-se despertar relações afetivas capazes de produzir novas formas de atenção ao território.

O desenho surgiu inicialmente como estratégia para representar visualmente as imagens evocadas pelas canções. Posteriormente, passou a contemplar representações mais livres do ambiente, da memória e das experiências individuais dos participantes. Em um segundo momento, as folhas de castanhola passaram a funcionar como suporte artístico, transformando-se em espaço de criação visual e poética.

Somente após esse percurso de sensibilização era introduzida a escrita. Os estudantes eram incentivados a produzir pequenos poemas a partir de temas próximos de sua realidade, construindo textos que expressavam suas percepções sobre o mundo, suas emoções e suas experiências de vida.

Foi desse conjunto de práticas que surgiu o material criativo posteriormente transformado em canções.

Processos de mediação artística

O percurso de transformação dos poemas em canções pode ser compreendido como um processo contínuo de mediação artística, composto por diferentes etapas e sujeitos envolvidos. A primeira etapa corresponde à produção dos estudantes. Os poemas foram construídos ao longo das oficinas e registrados nas folhas de castanhola, constituindo documentos que reuniam escrita, desenho e experiência estética.

Em seguida, realizou-se um processo de curadoria, catalogação e organização desse material. Os poemas foram classificados por temas e preservados de modo a garantir tanto sua conservação física quanto sua utilização em etapas posteriores da pesquisa. A terceira etapa consistiu no envio dos textos para compositores e compositoras convidados. O convite pressupunha o desafio de transformar em música poemas escritos por autores que, em muitos casos, jamais haviam encontrado pessoalmente. Apesar das dificuldades de agenda e dos diferentes tempos de criação, a adesão dos artistas superou as expectativas iniciais da pesquisa.

O processo composicional revelou distintas estratégias de criação. Em alguns casos, os textos foram mantidos integralmente; em outros, ajustes mínimos de prosódia foram realizados para favorecer a fluidez musical. Ainda assim, buscou-se preservar a identidade

poética presente nas produções originais dos estudantes. Por fim, as canções foram gravadas e organizadas para compor o álbum *Folhas Sonoras*.

Ao longo desse percurso, cada participante reconfigurou o material criativo inicial, ampliando seus sentidos e produzindo novas camadas de significado. Nesse contexto, a mediação artística não se configura como simples transmissão entre um ponto de origem e um ponto de chegada. Trata-se de um processo de transformação compartilhada, no qual estudantes, pesquisadora, compositores, intérpretes e músicos colaboram para a construção de uma obra coletiva.

Criação colaborativa e autoria expandida

A principal questão que emerge nesse contexto refere-se à autoria das canções produzidas. Afinal, quem é o autor da obra final? O estudante que escreveu o poema? O compositor que criou a melodia? O intérprete que lhe conferiu sonoridade e expressão? Ou todos aqueles que contribuíram para sua construção?

No projeto *Folhas Sonoras*, a autoria configura-se como um fenômeno expandido, relacional e compartilhado. Os poemas escritos pelos estudantes constituem o ponto de partida da criação; entretanto, a canção resulta da convergência de múltiplas contribuições que, ao longo do percurso, transformam, ampliam e ressignificam o material inicial. A obra, portanto, não é produto de uma ação individual, mas sim o resultado de encontros, escutas, diálogos e mediações que articulam dimensões pedagógicas, artísticas e culturais.

A compreensão da autoria como fenômeno relacional encontra especial respaldo nas reflexões de Salles (2008), para quem a obra artística resulta de uma rede de interações, interferências e transformações contínuas. Nessa perspectiva, a criação não pode ser atribuída exclusivamente a um único sujeito, mas emerge do conjunto de relações que constituem o percurso criativo.

Para Thiollent (2007), a produção de conhecimento ocorre de forma cooperativa, envolvendo diferentes sujeitos na construção de sentidos. De modo semelhante, a criação musical desenvolvida nesta pesquisa constitui-se a partir da interação entre estudantes, professora-pesquisadora, compositores, intérpretes e comunidade escolar, que participam, em distintos níveis, da elaboração da obra.

Freire (1983), nos diz que a educação se realiza na relação entre sujeitos que aprendem e produzem conhecimento coletivamente. Nessa perspectiva, a criação artística também se



afasta da lógica da autoria isolada e passa a ser compreendida como uma construção compartilhada, alimentada por diferentes experiências, sensibilidades e formas de expressão.

Dialogando ainda com o pensamento complexo de Morin (2000, 2005), ao reconhecer que os fenômenos humanos não podem ser reduzidos a explicações lineares. No *Folhas Sonoras*, poesia, música, memória, território, natureza e experiência educativa constituem elementos interdependentes que se articulam na constituição da obra. A autoria emerge justamente dessas conexões, ultrapassando a ideia de pertencimento exclusivo a um único sujeito.

As reflexões de Salles (2008) sobre os processos criativos ampliam essa compreensão ao conceber a obra de arte como resultado de uma rede dinâmica de relações. Para a autora, a criação acontece por meio de sucessivas interferências, negociações e transformações que conferem novos sentidos ao trabalho artístico. Sob essa ótica, os poemas produzidos pelos estudantes atuam como matrizes poéticas que continuam a se reinventar ao serem musicalizados, interpretados e compartilhados.

Souza (2004) compreende as práticas musicais como práticas sociais, constituídas nas relações entre sujeitos e contextos culturais. Essa concepção permite entender que as canções produzidas no projeto extrapolam a dimensão estética, tornando-se também expressões das vivências, memórias e experiências coletivas dos participantes. Em consonância com essa perspectiva, Penna (2018) destaca a importância de reconhecer os estudantes como sujeitos culturais ativos, capazes de produzir conhecimentos, significados e expressões artísticas a partir de suas próprias experiências.

Nesse sentido, a valorização da autoria infantil constitui um aspecto central da proposta. As narrativas, imagens e metáforas presentes nos poemas revelam formas singulares de perceber a escola, a natureza, o território, as relações de amizade e o cotidiano. Como observa Maffioletti (2019), as produções criativas das crianças expressam modos particulares de compreender e significar o mundo. Os estudantes, portanto, não figuram como inspiração para as canções, mas são autores efetivos de sua gênese poética.

A experiência também pode ser compreendida à luz das reflexões de Bondía (2002), para quem a experiência corresponde àquilo que nos acontece e nos transforma. Ao ouvirem seus poemas convertidos em canções, os estudantes passam a estabelecer novas relações com suas próprias produções, reconhecendo-as como manifestações legítimas de expressão artística. O texto escolar adquire outra dimensão simbólica, favorecendo sentimentos de pertencimento, reconhecimento e valorização de si.



Além dos sujeitos envolvidos, o próprio território participa da constituição da obra. Os poemas emergem das experiências vividas nos bairros, das memórias associadas às escolas, dos sons cotidianos e das relações estabelecidas com a natureza. Em diálogo com Santos (2014) e Nora (1993), compreende-se que os lugares carregam significados, afetos e lembranças que atravessam a produção cultural. Nesse sentido, as canções também expressam uma autoria territorializada, alimentada pelas experiências concretas dos estudantes em seus contextos de vida.

Por sua vez, a concepção de cultura proposta por Wagner (2012) contribui para compreender que os significados não são simplesmente reproduzidos, mas continuamente reinventados pelos sujeitos. Ao serem transformados em canções, os poemas passam por processos de recriação que ampliam seus sentidos sem romper com suas origens. A autoria assume, assim, o caráter de uma prática coletiva de invenção, na qual diferentes saberes, experiências e sensibilidades se encontram para produzir algo novo.

A experiência desenvolvida no projeto permite, portanto, compreender a autoria como uma realidade múltipla e interdependente. Manifesta-se, inicialmente, na autoria infantil presente nos poemas; desdobra-se na autoria musical dos compositores, responsáveis pela elaboração sonora; e alcança a autoria pedagógica da professora-pesquisadora, que cria condições para que os processos criativos aconteçam por meio da mediação, da escuta e da participação. Soma-se a essas dimensões uma autoria coletiva, construída nas relações estabelecidas entre escola, comunidade e artistas colaboradores, bem como uma autoria territorial, constituída pelas memórias, paisagens, sonoridades e experiências que atravessam a vida dos estudantes.

Desse modo, a autoria deixa de ser compreendida como propriedade individual para ser entendida como uma rede de relações, afetos, experiências e saberes. Mais do que identificar um único autor, importa reconhecer a multiplicidade de vozes que torna possível a existência da obra. As canções produzidas no projeto *Folhas Sonoras* emergem do encontro entre infância, educação, música, poesia, natureza e território, constituindo-se como expressão sensível de uma criação compartilhada.

Escuta, reconhecimento e pertencimento

Entre os aspectos mais significativos do projeto encontra-se o retorno das canções à comunidade escolar. Diferentemente de muitas experiências pedagógicas que se encerram na etapa de produção, o Folhas Sonoras promove o reencontro dos estudantes com suas próprias



criações transformadas artisticamente. Esse movimento de devolutiva constitui não apenas uma etapa metodológica da pesquisa, mas uma experiência formativa marcada pela escuta, pelo reconhecimento e pelo pertencimento.

A audição das primeiras versões das canções foi acompanhada por reações de surpresa, emoção e encantamento. Ao reconhecerem seus versos em novas configurações sonoras, os estudantes percebiam que suas produções haviam ultrapassado os limites da atividade escolar, tornando-se obras compartilhadas. O poema deixaria de existir apenas como exercício de escrita para assumir uma nova materialidade estética, agora habitada pela música.

Em diferentes momentos da pesquisa, as devolutivas revelaram a potência desse reencontro. Na Escola Ruth Passarinho, a autora do poema *Peixinhos do Mar* emocionou-se ao ouvir sua composição musicada. Ao ser questionada sobre a escolha do tema, respondeu de forma simples e afetuosa: “Escolhi porque lembro do meu pai, que é pescador”. A canção tornou visível uma memória afetiva que, até então, permanecia inscrita apenas na escrita da criança, ampliando os sentidos de sua produção e compartilhando-os com a comunidade escolar.

Situação semelhante ocorreu com a canção *Gosto de Morango*. O poema havia sido escrito em um momento de tristeza decorrente de um conflito entre colegas. Ao ouvir a versão musical produzida posteriormente, a autora e os demais estudantes reconheceram uma transformação simbólica daquela experiência. Um dos alunos observou: “*Nossa, essa música é tão pequena, mas a cantora sai de um lugar triste e passa por um arco e fica bonito*”. A leitura realizada pela própria turma evidencia como a música pode ampliar processos de elaboração emocional e atribuição de sentidos às experiências vividas.

As devolutivas realizadas posteriormente junto aos estudantes da Escola do Rio que Chove também revelaram a permanência dessas experiências na memória dos participantes. A autora de *O Mar* emocionou-se profundamente ao ouvir a canção inspirada em seu poema. O estudante autor de *Meu Mundo Escolar* reagiu com surpresa e timidez ao reconhecer sua produção transformada em música. Já a autora de *No Guamá Eu Vivo*, após receber a gravação por intermédio da família, manifestou alegria e entusiasmo diante do resultado. Essas experiências demonstram que a circulação da obra produz efeitos que ultrapassam o momento da criação, prolongando-se no tempo e fortalecendo vínculos entre estudantes, escola e comunidade.

À luz de Bondía (2002), pode-se compreender esse processo como experiência, isto é, como aquilo que nos acontece e nos transforma. Ao ouvirem seus poemas convertidos em canções, os estudantes assumem uma nova posição diante de sua própria produção artística. A



escrita deixa de ser apenas uma atividade escolar e passa a constituir uma obra reconhecida socialmente, produzindo sentimentos de valorização, autoestima e pertencimento.

Essa dimensão também dialoga com Freire (1983), para quem o reconhecimento da palavra do sujeito constitui elemento fundamental dos processos educativos. Quando a escola legitima a produção poética das crianças e a devolve em forma de canção, reconhece seus estudantes como autores de cultura e produtores de conhecimento. A escuta das músicas torna-se, assim, uma experiência de validação simbólica das vozes infantis.

Os relatos coletados ao longo da pesquisa evidenciam que os estudantes não apenas ouviram canções; ouviram a si mesmos em uma nova forma de expressão. Reconheceram suas memórias, sentimentos, histórias e territórios transformados em arte. Esse movimento fortaleceu o sentimento de pertencimento à escola, ao grupo e ao próprio processo criativo.

Nesse sentido, o retorno da obra configura-se como etapa fundamental do percurso artístico e pedagógico. A criança escreve. O compositor cria. A música nasce. A música retorna. É nesse retorno que o ciclo se completa. Ao reencontrar sua palavra transformada em canção, o estudante percebe que sua voz foi escutada, acolhida e ampliada. É nesse instante que a autoria encontra reconhecimento e que a experiência estética se converte em pertencimento.

Circuito de circulação cultural

Ao ultrapassar os limites da instituição escolar e inserir-se em processos de gravação, produção fonográfica e circulação pública, o projeto Folhas Sonoras passa a configurar um circuito ampliado de produção e difusão cultural, no qual a experiência pedagógica se desdobra em acontecimento artístico compartilhado. O que se constitui, nesse percurso, não é apenas a transposição de materiais escolares para o formato de canção, mas a emergência de uma rede colaborativa que envolve estudantes, professores, compositores, intérpretes, produtores e espaços de gravação, evidenciando que a criação artística, quando situada no campo da educação básica, depende necessariamente de mediações múltiplas, parcerias sensíveis e trabalho coletivo. Nesse sentido, o álbum Folhas Sonoras não pode ser compreendido como produto individual ou resultado linear de uma prática docente. Configura-se, porém, como o fruto de uma ecologia de fazeres que articula curadoria, escuta, composição, arranjo, gravação, edição e devolutiva pública.

O percurso pode ser compreendido como um espiral de transformações poético-pedagógicas: produção escolar - curadoria sensível dos poemas - processos composicionais



colaborativos - gravação em estúdio - organização do álbum - circulação pública e retorno à comunidade escolar. Essa ordem é um fluxo orgânico de tradução entre linguagens, no qual a palavra do estudante, inicialmente escrita em folhas de árvore de castanhola, desloca-se para o campo sonoro sem perder sua densidade imagética e afetiva. Sendo um fenômeno que reconfigura, amplia seus modos de existência, alcançando novas audiências, contextos e formas de escuta.

Esse movimento evidencia que produções originadas em práticas pedagógicas podem adquirir novos estatutos quando inseridas em circuitos culturais mais amplos, convertendo-se em patrimônio criativo compartilhado e em material de circulação pública do sensível. Tal compreensão implica reconhecer que a docência em Arte, especialmente quando atravessada por processos de criação coletiva, não se encerra na sala de aula, mas se estende em redes de colaboração que exigem articulação ética, técnica e estética entre diferentes agentes. É nesse entrelaçamento que a experiência se sustenta: naquilo que só se torna possível quando não é feito sozinha.

A trajetória aqui apresentada também se inscreve como percurso formativo da própria pesquisadora, artista e professora, cujo fazer se constrói na articulação entre docência, pesquisa e criação. Nesse movimento, a prática pedagógica deixa de ser apenas espaço de transmissão para se afirmar como campo de invenção, em que escuta, memória e imaginação operam como forças estruturantes. Como já indicam as reflexões desenvolvidas ao longo da dissertação, a criação não emerge de forma isolada, mas de uma rede de relações sensíveis que envolve encontros, afetos e atravessamentos teóricos e práticos, nos quais a experiência estética se constitui como forma de conhecimento.

Assim, o circuito que se abre com Folhas Sonoras não se limita à produção de um álbum, mas instaura uma pedagogia da circulação, na qual o gesto de criar implica também o gesto de devolver, partilhar e reinscrever a obra no espaço público. Trata-se, portanto, de um processo em que arte e educação não se hierarquizam, mas se entrelaçam, fazendo da criação musical um território de encontro entre o vivido, o pensado e o escutado, e reafirmando a potência da escola como lugar de produção cultural e não apenas de reprodução de saberes.

Considerações finais

Os resultados apontam que o projeto Folhas Sonoras constituiu uma experiência de mediação artística capaz de aproximar educação, criação musical e participação cultural, configurando-se como uma prática formativa em que a experiência estética opera como



dimensão constitutiva do processo educativo e não como elemento acessório. Ao transformar poemas produzidos por estudantes em canções, o projeto ampliou as possibilidades de circulação das produções escolares e promoveu formas de autoria compartilhada que envolveu diferentes gentes e saberes, sem dissolver a autoria do estudante, mas compreendendo-a como uma autoria em rede, situada e relacional, na qual cada participante preservou sua singularidade dentro de um processo coletivo de criação.

Além disso, evidenciou o potencial da escola como espaço de criação artística e demonstrou que práticas educativas podem gerar produções culturais capazes de ultrapassar seus contextos de origem e alcançar novos públicos, deslocando a escola de uma lógica centrada na reprodução de conteúdo para uma compreensão da educação como espaço de invenção, no qual o conhecimento emerge da relação entre sujeitos, linguagens e experiências.

Nesse sentido, a noção de “encontro”, recorrente ao longo desta pesquisa, não se refere a um acontecimento genérico ou meramente afetivo, mas a uma dimensão estruturante do processo pedagógico e estético. Os encontros produzidos pelo projeto — entre palavra e música, natureza e criação, escola e comunidade — configurou-se como acontecimentos de experiência, nos quais o sentido não está previamente dado, mas se constituiu na relação, na escuta e no entrelaçamento entre diferentes formas de existência.

Do ponto de vista epistemológico, os achados desta pesquisa indicaram um deslocamento importante no modo de compreender o ensino de música na educação básica, aproximando-o de uma concepção relacional da linguagem, em que som, palavra, corpo e natureza não operam como elementos isolados, mas constituem dimensões que se imbricam de um mesmo processo de criação. Trata-se de compreender a música como linguagem formativa, produtora de sentido, atravessada por experiências sensíveis, cognitivas e afetivas.

A experiência estética, nesse contexto é um modo de conhecimento e de formação do sujeito. Assim, a escola deixa de ser compreendida apenas como espaço de transmissão e passa a ser reconhecida como território de produção estética e simbólica, no qual aprender implica também experimentar, afetar-se e criar.

Folhas Sonoras produziu encontros. Entre palavra e música. Aluno e compositor. Natureza e criação. Escola e comunidade. Entre memória, escuta e pertencimento. Esses encontros não são efeitos colaterais do processo, mas sua própria condição de existência, na medida em que a experiência pedagógica se estrutura como uma pedagogia da escuta — entendida aqui como prática ética, sensível e interpretativa, que envolve acolhimento que emergiu do outro, do território e da própria materialidade do processo criativo.

É nesse movimento que reside sua principal contribuição para os debates contemporâneos sobre educação, mediação artística e criação colaborativa: a afirmação de que a experiência estética, quando situada no contexto escolar, pode operar como força de deslocamento epistemológico e sensível, ampliando modos de perceber, pensar e habitar o mundo. Essa compreensão se aproxima de uma perspectiva em que o estético não está separado da vida, mas constitui uma forma de relação com ela, na qual criação, escuta e existência se entrelaçam.

Contudo, é importante reconhecer que uma possível breve leitura desta pesquisa poderia interpretar seus elementos poéticos apenas como metáforas ilustrativas. Ao contrário, este trabalho sustentou que a dimensão poética é uma densa estrutura metodológica e epistemológica da investigação, na qual linguagem, experiência e criação operaram de forma indissociável. Do mesmo modo, a centralidade da experiência não deve ser confundida com subjetivismo, mas compreendida como campo legítimo de produção de conhecimento, em que o sensível também produz pensamento.

Esta pesquisa reafirmou a importância de compreender a educação musical como prática situada, relacional e formativa, na qual a criação não é privilégio de especialistas, mas possibilidade partilhada. Ao integrar música, poesia e natureza, o projeto aponta para uma pedagogia em que aprender é também inventar modos de existir com o outro e com o mundo.

Referências

BANDEIRA, Sonyra da Silva. **Folhas Sonoras**: poética musical e natureza na educação básica. 169 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2026.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, 1993.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. Porto Alegre: Sulina, 2018.



RUFINO, Luiz. **Vence-Demanda:** educação e descolonização. Rio de Janeiro: Ed. Mórula, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** São Paulo: Edusp, 2014.

SOUZA, Jusamara. **Educação musical e práticas sociais.** Porto Alegre: UFRGS, 2004.

